

PERFIL DOS USUÁRIOS E A DISTRIBUIÇÃO DE AUTOTESTES PARA HIV NO BRASIL E ESPÍRITO SANTO

Giovanna Girardi Gomes ¹, Jerusa Araújo Dias ²

Ciências da Saúde

Introdução e Objetivo

O Vírus da Imunodeficiência Humana (HIV) continua sendo um dos maiores desafios globais em saúde pública, apresentando uma distribuição desigual entre regiões do mundo. A África Subsaariana concentra mais de 60% das pessoas vivendo com HIV, enquanto a América Latina possui cerca de 7% dos casos, com prevalência de 0,6% no Brasil. Frente a esse cenário, a ampliação das estratégias de testagem se mostra essencial, associando o exercício da autonomia individual com a atuação dos serviços de saúde. Nesse contexto, surgem novas tecnologias, como o autoteste para HIV, que representa uma alternativa prática e acessível para o diagnóstico (MARTINS et al., 2018; THIRUMURTHY et al., 2016). O autoteste possibilita que a própria pessoa realize a coleta, o procedimento e a leitura do resultado, seja por fluido oral ou amostra de sangue. Essa estratégia favorece o diagnóstico precoce e amplia o alcance da testagem, especialmente em populações mais vulneráveis. A Organização Mundial da Saúde (OMS) recomenda seu uso como ferramenta complementar para atingir a meta 95-95-95 do UNAIDS, prevista até 2025, que busca garantir que 95% das pessoas que vivem com HIV conheçam seu diagnóstico, 95% recebam tratamento e 95% apresentem supressão viral (BRASIL, 2022; THIRUMURTHY et al., 2016). No Brasil, a distribuição gratuita do autoteste pelo Sistema Único de Saúde (SUS) iniciou em 2018, não substituindo a testagem convencional, mas funcionando como recurso adicional para fortalecer a prevenção e ampliar a cobertura diagnóstica. A análise dessa distribuição permite compreender o perfil dos usuários e identificar vulnerabilidades regionais, o que pode subsidiar políticas públicas de saúde.

Dessa forma, este trabalho tem como objetivo descrever o perfil dos usuários e a distribuição de autotestes para HIV no Brasil e no estado do Espírito Santo, no período de 2018 a 2023, buscando contribuir para o debate sobre estratégias de ampliação do diagnóstico precoce.

¹ Graduanda em Enfermagem, Universidade Federal do Espírito Santo/Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Departamento de Ciências da Saúde, giovanna.gomes@edu.ufes.br;

² Doutora em Saúde Coletiva, Universidade Federal do Espírito Santo/Centro Universitário Norte do Espírito Santo – Departamento de Ciências da Saúde, jerusa.dias@ufes.br

Método e Metodologia

Trata-se de um estudo quantitativo, descritivo, retrospectivo e de natureza ecológica, baseado em dados secundários do “Painel Autoteste” do Ministério da Saúde, no período de 2018 a 2023. A unidade de análise foram os autotestes distribuídos em unidades credenciadas pelo SUS. Variáveis consideradas: raça/cor, gênero, sexualidade, faixa etária e histórico de testagem.

Os dados foram organizados em planilhas eletrônicas (Google Planilhas), apresentados em gráficos e tabelas, e analisados de forma descritiva. Conforme protocolo do Ministério da Saúde, cada indivíduo pode retirar até seis autotestes (um para uso próprio e cinco para distribuição entre parcerias sexuais).

Discussão e Resultados

A análise da distribuição dos autotestes para HIV segundo a variável raça/cor revelou que, no Brasil, aproximadamente 50% dos usuários se autodeclararam pretos, 49% brancos ou amarelos e 0,7% indígenas. No Espírito Santo, a concentração de pessoas pretas foi ainda mais expressiva (76%), enquanto indivíduos brancos ou amarelos corresponderam a 23% dos registros.

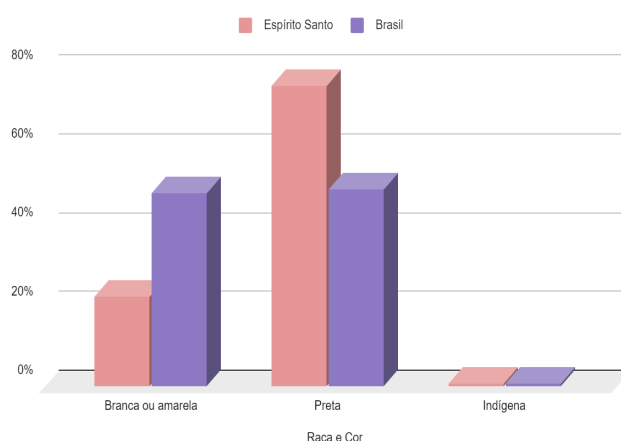


Figura 1 - Gráfico sobre autotestes para HIV distribuídos no Brasil e no Espírito Santo segundo raça/cor no período entre 2018 a 2023.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Em relação a gênero e sexualidade, os dados nacionais demonstraram predominância de gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH) cis (49%), seguidos por mulheres cis (26,4%) e homens heterossexuais cis (14,6%). No Espírito Santo, o padrão foi distinto, com

maior proporção de mulheres cis (53%), seguidas por homens heterossexuais cis (26,3%) e gays/HSB cis (14,5%).

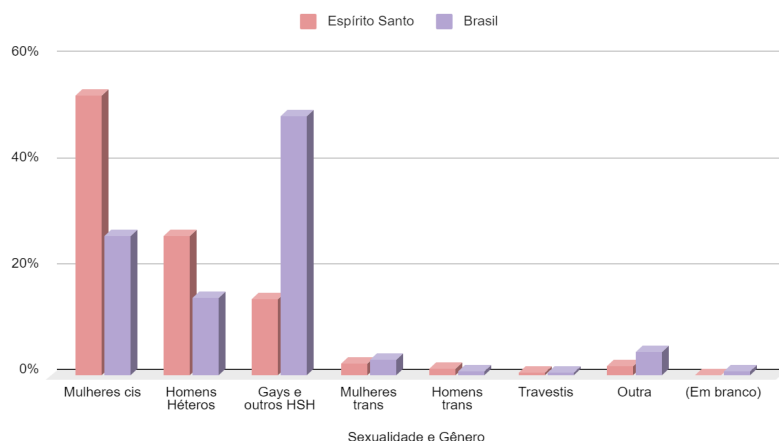


Figura 2 - Gráfico sobre autotestes para HIV distribuídos no Brasil e no Espírito Santo segundo sexualidade e gênero no período entre 2018 a 2023.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Quanto à faixa etária, observou-se que, no Brasil, a maioria dos usuários situava-se entre 30 e 49 anos (48%), seguidos por indivíduos de 25 a 29 anos (22%) e de 18 a 24 anos (20%). Menores de 18 anos representaram apenas 1% do total, enquanto 9% tinham 50 anos ou mais. No Espírito Santo, a distribuição apresentou ligeira variação: 43% dos usuários tinham entre 30 e 49 anos, 24% entre 18 e 24 anos, 14% entre 25 e 29 anos, 15% tinham 50 anos ou mais e 3% eram menores de 18 anos.

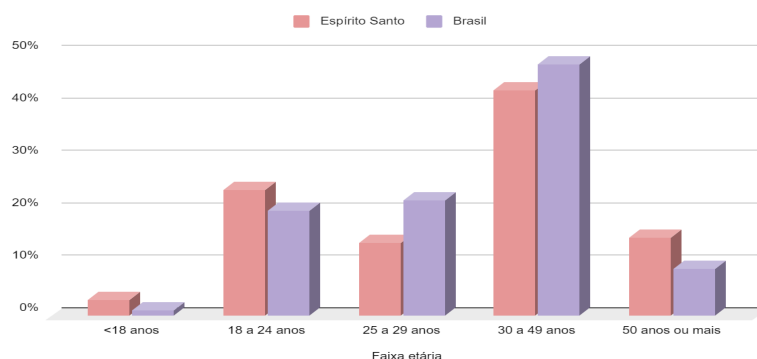


Figura 3 - Gráfico sobre autotestes para HIV distribuídos no Brasil e no Espírito Santo segundo faixa etária no período entre 2018 a 2023.

Fonte: Elaborado pela autora (2024).

Os resultados apontam que gays e outros homens que fazem sexo com homens (HSH) constituem um grupo de maior vulnerabilidade social e epidemiológica, em função de comportamentos considerados de risco e do estigma associado à infecção pelo HIV. Nesse sentido, políticas públicas específicas vêm sendo implementadas com vistas à redução da transmissão e à promoção da equidade em saúde (CALAZANS; PINHEIRO; AYRES, 2018).

A expressiva presença de usuários pretos entre os que acessaram o autoteste evidencia desigualdades estruturais. As consequências históricas do racismo e do período escravocrata reverberam até hoje, refletindo-se em condições de maior vulnerabilidade, como baixa escolaridade e renda, fatores que ampliam os riscos de exposição ao HIV e outras ISTs. Apesar do aumento no acesso à informação, a escolaridade permanece como determinante central para a prevenção (MELO, 2019). Além disso, a predominância de mulheres cis nos registros, especialmente no Espírito Santo, reforça a vulnerabilidade feminina à infecção pelo HIV. Aspectos biológicos e sociais, como o início precoce da vida sexual, a utilização de contraceptivos orais e a maior frequência de infecções genitais, contribuem para essa suscetibilidade (SANTOS, 2016). De forma geral, os resultados parciais evidenciam que o perfil dos usuários do autoteste no Brasil e no Espírito Santo é majoritariamente composto por pessoas pretas, gays/HSH cis, mulheres cis e indivíduos com idades entre 30 e 49 anos. Esses achados ressaltam tanto o alcance da estratégia quanto os desafios relacionados ao enfrentamento das vulnerabilidades sociais. Ressalta-se que os dados aqui apresentados correspondem a um relatório parcial, uma vez que a pesquisa ainda se encontra em andamento.

Considerações Finais

O estudo evidencia que o perfil dos usuários do autoteste para HIV no Brasil e no Espírito Santo é composto majoritariamente por pessoas negras, gays/HSH cis, mulheres cis e indivíduos entre 30 e 49 anos. A predominância de usuários pretos no Espírito Santo indica vulnerabilidades sociais que ampliam o risco para infecção. O autoteste se mostra uma ferramenta estratégica para ampliar o diagnóstico precoce, sobretudo em populações-chave, mas desafios permanecem: necessidade de maior divulgação, combate ao estigma e fortalecimento da rede de apoio após a testagem. Como perspectiva futura, propõe-se aprofundar análises regionais da distribuição e investigar barreiras à adesão do autoteste em diferentes contextos sociais.

Referências

BRASIL. Ministério da Saúde. Diretrizes para a distribuição do autoteste de HIV no Brasil. Brasília, 2022. Disponível em: <https://www.gov.br/saude/pt-br/>. Acesso em: 2 set. 2024.

CALAZANS, G. J.; PINHEIRO, T. F.; AYRES, J. R. C. M. Vulnerabilidade programática e cuidado público: panorama das políticas de prevenção do HIV e da Aids voltadas para gays e outros HSH no Brasil. Sexualidad, Salud y Sociedad, n. 29, p. 263-293, 2018.

MARTINS, T. A. et al. Incentivos e barreiras ao teste de HIV entre mulheres profissionais do sexo no Ceará. Revista de Saúde Pública, v. 52, p. 64, 2018.

MELO, M. C. Sobrevida de pacientes com aids e associação com escolaridade e raça/cor da pele no Sul e Sudeste do Brasil: estudo de coorte, 1998-1999. Epidemiologia e Serviços de Saúde, v. 28, n. 1, p. e2017474, 2019.

SANTOS, N. J. S. Mulher e negra: dupla vulnerabilidade às DST/HIV/Aids. Saúde e Sociedade, v. 25, n. 3, p. 602-618, 2016.

THIRUMURTHY, H. et al. Promoting male partner HIV testing and safer sexual decision making through secondary distribution of self-tests in Kenya: a cohort study. Journal of the International AIDS Society, v. 19, n. 6, p. 20999, 2016.